

A FIDELIDADE NO PROCESSO E NO PRODUTO DO TRADUZIR

Francis Henrik Aubert
(USP)

A tradução de um texto qualquer, enquanto expressão em língua de chegada (LC) de uma leitura feita em língua de partida (LP) por um determinado indivíduo, sob determinadas condições de recepção e de produção, compartilha das mesmas potencialidades e sofre os efeitos das mesmas injeções de toda comunicação interpessoal que se vale do instrumental da linguagem articulada humana.

Esta interação comunicativa transita por três tipos de mensagens: a mensagem pretendida, a mensagem virtual e a mensagem efetiva. A mensagem pretendida é aquilo que o emissor "quis dizer", sua intenção comunicativa. A mensagem virtual é o conjunto de leituras possíveis a partir da expressão linguística efetivamente produzida. A mensagem efetiva é aquela que se realiza na recepção, no destinatário, condicionada em parte pela expressão linguística, em parte pelo "saber", pelos pressupostos e pela "intenção receptiva" do interlocutor. A expressão linguística, que manifesta a intenção comunicativa do emissor, já representa um compromisso entre esta intenção e as possibilidades expressivas do código e do próprio emissor, na medida em que seu domínio dos meios de expressão é necessariamente parcial. Assim, a mensagem pretendida e a mensagem virtual mantêm entre si uma relação de intersecção (ou de inclusão), não de identidade. De forma similar, a mensagem efetiva, apreendida pelo receptor com o suporte de seus pressupostos (visão de mundo), de seus "saberes" (saber linguístico, conhecimento factual, etc.) e de sua intencionalidade, além das diversas e variáveis circunstâncias da "condição de recepção" (grau de atenção, pressa, interferência de terceiros, etc.), representa novo compromisso, em que as potencialidades da mensagem virtual são apreendidas novamente de forma parcial, e transformadas pelos elementos de suporte cognitivo na mensagem efetiva, não necessariamente mais "pobre" que a virtual ou a pretendida (às vezes, até pelo contrário), mas certamente diferente destas.

No caso específico da tradução interlingual, acrescenta-se a esta configuração uma nova dimensão, a de um segundo ato comunicativo (o ato tradutório) que, tomando como ponto de partida a mensagem efetiva, a transforma em segunda mensagem pretendida (esta não sendo sempre idêntica àquela). Tal segunda mensagem pretendida

ver-se-á submetida às mesmas vicissitudes da mensagem pretendida original, passando por nova expressão lingüística, num código da LC com potencialidades e restrições diversas das do código da LP, gerando nova mensagem virtual, que por sua vez será apreendida como novas mensagens efetivas, uma por cada ato de leitura.

Tudo isto constitui um quadro bastante conhecido. Se repisamos estas considerações algo óbvias, o fazemos para situar a primeira grande dúvida sugerida pela questão da fidelidade na tradução: o compromisso de fidelidade por parte do tradutor reporta-se a quê? Parece evidente que não se pode exigir uma fidelidade àquilo que é por definição inacessível: a mensagem pretendida original. Mesmo a mensagem virtual não é diretamente acessível, mas apenas pela intermediação parcial do processo de decodificação. Assim, a matriz primária da fidelidade há de ser, por imposição dos fatos, a mensagem efetiva que o tradutor aprendeu, experiência individual e única, não reproduzível por inteiro nem mesmo pelo próprio leitor/tradutor, noutra ocasião e/ou sob outras condições de recepção.

Mas o compromisso de fidelidade não se define tão somente na direção do original. Enquanto instrumento humano, suporte para um ato de comunicação interlingual, o tradutor há de ter - é bem verdade que em grau passível de certa variação, em função da intencionalidade do ato tradutório - um compromisso de fidelidade também para com as expectativas, necessidades e/ou possibilidades dos receptores finais. Ou, mais apropriadamente, com a imagem que tal tradutor faz de tais expectativas, necessidades e possibilidades.

Ressalta-nos, destas considerações, o paradoxo da tradução e, em certa medida, da interação comunicativa entre os homens de maneira geral. As duas fidelidades instituem a diversidade: aliás, a diversidade é a própria justificativa, a razão de ser da tradução. Não fossem diversos os códigos, as culturas, os momentos históricos, os homens, não haveria porquê traduzir. Mas não houvesse a tentativa da fidelidade, a busca sistemática e obstinada de atinar com o que o autor original "quis dizer", e de encontrar meios de expressão para esta intenção comunicativa imaginada, também não haveria tradução, mas tão-somente discursos diversos, mutuamente incompatíveis. É preciso, pois, que haja identidade. É preciso, igualmente, que haja diversidade. A tradução terá, portanto, de ser, não por deficiência, mas por definição, um compromisso entre estas duas tendências a princípio antagônicas, compromisso este que institui a assim chamada "equivalência textual" (J.C. Catford, A Linguistic Theory of Translation, Oxford, 1965) como pedra de toque da tradução exitosa.

Não cabe aqui - por razões de tempo/espço mais que por motivos de coerência discursiva - aprofundar a reflexão sobre o valor exato a atribuir à expressão "equivalência" no âmbito da tradução. Apenas, de passagem, registre-se que a questão parece ser algo mais complexa do que deixa entrever a proposta de Catford (op.cit.), com o recurso algo ingênuo à prova da comutação ou a um "tradutor ideal" (variante do mal-cotado "falante/ouvinte ideal"). Minha suspeita é de que a questão requer, para seu melhor esclarecimento, não apenas incursões pela teoria da comunicação e pela psicolingüística, como também um cuidadoso detalhamento das "condições de

produção" que cercam o ato tradutório.

Para os propósitos das presentes considerações, basta-nos - admitido o risco de empreendemos uma seqüência de "saltos mortais" - entender por "equivalência textual" um ponto de equilíbrio entre o diverso e o idêntico, entre o centrífugo e o centrípeda. Mas tal ponto de equilíbrio não tem uma localização fixa e imutável, definível a priori, normativamente. Pelo contrário, apresenta oscilações, condicionadas pela atuação de pelo menos três conjuntos de fatores presentes no processo tradutório: (i) fatores vinculados ao tradutor (competência, intencionalidade, relação diacrônica com o original, etc.); (ii) fatores relacionados ao complexo língua-cultura de chegada (semelhanças e dissemelhanças com o complexo língua-cultura de partida); (iii) fatores que derivam das funções do texto traduzido (informativa, apelativa, metalinguística, jurídica, etc.), e do grau de identidade ou de conflito entre estas funções no texto traduzido e as funções - supostas, implícitas ou explícitas - do texto original.

Colocando-nos na posição de observadores da tradução, a fidelidade aparece-nos manifesta como aquilo que aproxima o texto traduzido do original. Esta manifestação faz-se linguisticamente, podendo sua verificação ser efetuada a qualquer nível hierárquico dos códigos linguísticos em confronto, do fonó-grafológico ao semântico-pragmático, passando pelo morfo-sintático, pelo lexical e pelo retórico-estilístico. A fidelidade não deve necessariamente vincular-se a um ou outro destes níveis, mas pode incidir sobre qualquer um destes, ou sobre mais de um nível. Tal assertiva não invalida a constatação empírica de que, nas traduções tidas por "boas" ou "satisfatórias", se observa uma tendência - de valor estatístico mais que doutrinário - no sentido de uma maior incidência de fidelidade, i.e., de aproximação entre os dois textos, nos níveis hierárquicos mais elevados, transfrásticos (retórico-estilístico e semântico-pragmático). Inversamente, porém, tal constatação não justifica erigir esta tendência em norma prescritiva absoluta.

Com efeito, se os dois complexos língua-cultura são bastante próximos entre si - genética e/ou tipologicamente - a aproximação, ou fidelidade, alcançará, sem grandes malabarismos, os níveis frástico e subfrástico (lexical, morfo-sintático e até fonó-grafológico), caracterizando uma literalidade e, mesmo, uma tradução pala-
vra-por-palavra perfeitamente adequada.

Situação parecida tenderá a ocorrer, mesmo entre línguas tipologicamente mais afastadas, se a intenção comunicativa da tradução privilegiar a função metalinguística; bem como na produção de um tradutor pouco experimentado, ou como domínio limitado dos meios de expressão, caso em que a maior literalidade será, sobretudo, indício de insegurança. Ainda, o tradutor, mesmo exercendo largo domínio sobre os meios de expressão virtualmente disponíveis, pode intentar a execução de uma tradução mais literal, quer por injunções externas (tradução juramentada, solicitação específica do cliente), quer por opção ideológica ou estética.

Arriscando uma generalização, e pressupondo os demais fatores invariáveis, poder-se-ia definir a atuação específica dos fatores vinculados às línguas-cul-

turas em confronto como segue:

- (i) se as línguas e culturas forem semelhantes
 - a fidelidade tende a manifestar-se a níveis frástico e subfrásticos;
- (ii) se as línguas forem semelhantes e as culturas dissemelhantes
 - a fidelidade manifesta-se essencialmente a nível frástico;
- (iii) se as línguas forem dissemelhantes, e as culturas semelhantes ou não
 - a fidelidade tende a manifestar-se a nível transfrástico.

De forma similar, se isolarmos os fatores relativos às funções do texto traduzido, poder-se-ia hipotetizar algumas prováveis correlações:

- | | |
|--------------------------|--------------------------------------|
| - função informativa | - fidelidade frástica |
| - função apelativa | - fidelidade transfrástica |
| - função metalinguística | - fidelidade subfrástica |
| - função jurídica | - fidelidade frástica e subfrástica. |

Finalmente, considerando alguns dos fatores vinculados à pessoa do tradutor, e fazendo abstração do relativo livre-arbítrio associado à intencionalidade, por sua própria essência de sistematização problemática, observaríamos as seguintes tendências:

- competência linguística e/ou de assunto e/ou de técnicas tradutórias:

boa	- fidelidade transfrástica
sofrível	- fidelidade frástica e subfrástica;
- relação diacrônica com o texto original:

próxima	- fidelidade frástica
distante	- fidelidade transfrástica.

Na realidade, porém, esses fatores não atuam isoladamente. Os textos, via de regra, assumem mais de uma função. Uma sofrível competência linguística pode (embora nem sempre) ser compensada por um profundo conhecimento de assunto. As línguas e culturas não são simplesmente semelhantes ou díspares entre si, mas o são em graus variados, conforme o nível dos constituintes considerado, o estado sincrônico, o registro, o dialeto, o referente, etc. A intencionalidade, por sua vez, pode reverter por completo as expectativas as mais razoáveis, instituindo sua própria lógica e razão de ser.

Significa, isto, que a questão da fidelidade na tradução, e, de certa maneira, da própria conceituação do que é traduzir, devam ser relegadas à arbitrariedade, ao subjetivismo, ao gosto particular e mutável de cada um? Creio firmemente que não. As considerações aqui esboçadas, ainda que superficialmente, confirmam a complexidade do fenômeno que se pretende descrever, não a inviabilidade de tal descrição. Apontam, s.m.j., para a necessidade de se abordar a tradução com o menor número possível de idéias, modelos e teorizações pré-concebidas, deixando, tanto quanto possível, que os fatos falem por si mesmos, e, numa inversão da praxe acadêmica corrente, ao invés de se tomar como ponto de partida um conjunto restrit(iv)o de hipóteses, mas humildemente pretender, numa primeira etapa, colocar a formulação de hipóteses como objetivo final do percurso.